

TENDA DOS MILAGRES

DEPOIMENTO CULTURAL

O livro de Jorge Amado é um grande depoimento sobre a cultura brasileira. A história se passa na Bahia, mas ao tratar da questão da formação da sociedade baiana, trata da realidade de todo o país. Uma sociedade gerada pelo povo em termos culturais, étnicos e que será a sociedade dominante. Na verdade, essa sociedade já é dominante, mesmo sem ter força econômica, jurídica. É o poder do futuro. A história de Pedro Archanjo é uma síntese disso.

A obra de Jorge abre um panorama humano, original, com uma linguagem generosa, favorável a seus personagens. A grandeza do comportamento brasileiro. Isso vem ao encontro do que pretendo: um cinema ligado ao povo, que libere o povo brasileiro no sentido de apurar o seu comportamento não dependente de um modelo prescrito por uma outra sociedade. O povo como modelo dele mesmo — é o segredo de Jorge, é o que o cinema brasileiro precisa encontrar.

A parte do livro que se passava em 67/69 foi adaptada para 1975. As discussões, por exemplo, são as de agora. Os temas de 69 estão ultrapassados porque há uma mudança na visão política, uma expectativa ante a realidade, uma necessidade básica de reformular o conceito de cultura brasileira. As discussões giram em torno disso. No tempo do livro, as discussões eram dependentes de conceitos já formulados, de respostas já prontas. Hoje estamos aprendendo com a própria realidade, abandonando receitas e bulas de comportamentos.

No plano do passado, a síntese do personagem do povo que emerge da cultura baiana, do universo africano — onde se situa o candomblé — está em confronto com a classe dos senhores da terra que produziam uma teoria de subestimação do ex-escravo. *Tenda dos Milagres* situa o negro a partir daí: quando ele deixou de ser objeto de propriedade e o modelo ainda era o da sociedade branca, européia. (Nélson Pereira dos Santos)

FIDELIDADE AO LIVRO

Tenda dos Milagres é um livro que para mim tem uma enorme importância. Porque eu creio que nele se discute o problema do povo brasileiro, o

problema da cultura brasileira e da originalidade do brasileiro. Quando eu era muito jovem, em 1935, escrevi um livro em que a minha preocupação já era a mesma. O livro se chamava *Jubiabá* e o problema era colocado apenas por um jovem de 23 anos, cuja experiência humana, literária e política era ainda muito limitada. Vinte e cinco anos depois escrevi *Tenda dos Milagres*, onde eu já era um homem maduro, com bastante mais experiência, sob todos os aspectos.

O filme *Tenda dos Milagres* é fiel ao livro, no que é fundamental. Aquilo que o livro tenta expressar a cada um dos leitores, o filme de Nélson tenta levar a cada um dos espectadores, ou seja, uma visão de como o povo brasileiro soube lutar contra os preconceitos, contra uma falsa ciência, contra tudo o que significava a negação de uma condição humana e de uma condição brasileira, tudo o que significava fazer de nossa face uma face estrangeira. Esta luta que continua até hoje, que não parou. Nada do que está no livro, do que está no filme é inventado. São coisas que se passaram e que foram recriadas por mim e depois por Nélson. Eu recriei no livro dentro das minhas limitações, e Nélson recriou no filme com seu imenso talento e sua grande qualidade de cineasta.

Nossa relação durante a adaptação de *Tenda* foi ótima. Porque Nélson não briga. Nélson concorda e depois faz aquilo que ele quer. A relação foi inteiramente diferente. Porque eu nunca me meto em adaptação de livro meu, para nenhuma forma de comunicação diferente da literatura. Nem para teatro, nem para televisão, nem para rádio, nem para cinema, eu nunca dei o menor palpite. Mas com Nélson, não. Com ele eu discuti muito, conversei muito, palpiti muito.

Mas o Nélson fez uma coisa muito inteligente: me botou para trabalhar e enquanto isso ele foi filmar. Quando eu terminei de fazer as coisas, ele tinha acabado de filmar. Ele fez exatamente o que ele devia ter feito — fez a sua adaptação. Ele, naturalmente, conversou muito comigo, discutiu muito comigo. Eu disse tudo o que pensava e como pensava, e ele fez exatamente o que achou que devia fazer.

Sequer me passou pela cabeça a idéia de querer levar Nélson a modificar sua maneira de trabalhar, de fazer isso ou aquilo no filme que é dele, da mesma maneira que Nélson, se eu fosse escrever um



Jards Macalé e Liana Maria Graff.

DOSSIÊS CRÍTICOS

TENDA DOS MILAGRES

livro, não iria me impor seus pontos de vista no romance que eu fosse escrever.

Conheço o Néelson há muito tempo. Quando ele fez o *Rio 40 Graus* eu já o conhecia. Depois estive muito misturado com a vida dele. Temos uma ligação muito profunda, vital, na maneira de pensar, de ver e sentir as coisas. Somos amigos de muitos anos. Uma amizade que se construiu na base de um trabalho e de uma luta que fizemos juntos. Creio que acompanhei muito de perto a carreira de cineasta jovem e desconhecido, quando ainda não era o grande mestre de cinema brasileiro.

O filme *Tenda dos Milagres* é uma obra de Néelson, pensado, criado e concebido por ele. Mas não deixa de ser meu. Afinal, no sangue de Néelson que corre ali dentro, há um pouco do meu sangue. (Jorge Amado)

ALEGRIA DO POVO

No final de *Tenda dos milagres* — apesar da morte de Pedro Arcanjo (não estamos antecipando informação — é coisa que se sabe desde o início do filme), da incerteza sobre se um filme e uma pesquisa a seu respeito serão efetivamente completados e dados a público — o clima é de festa. É o povo na rua fazendo a sua própria alegria, afirmando os seus valores e a sua dimensão coletiva. Como no personagem de *O amuleto de Ogum*, que é, sem dúvida, expressão da alma popular, a ressurreição é sempre possível. Quaisquer que sejam os antagonismos, as perplexidades, os entraves ou os impedimentos, é infundável essa alma cujas raízes o bedel de faculdade, Pedro Arcanjo, pesquisou na própria fonte de suas origens.

Não se trata de um sentimentalismo, de um oportunismo, de uma gratuita exuberância ou mesmo de um fácil otimismo. Néelson Pereira dos Santos não é capaz de tais coisas. Trata-se de uma afirmação de vitalidade e de convicção em valores de autenticidade capazes de oferecerem a única resistência possível, na visão do cineasta, à investida mastodôntica da compressão massificadora de ingerências, intervenções e deformações como as que comanda, do alto de sua suficiência de empresário de comunicações, o cínico dr. Zezinho. Nisto tudo, como fica o poeta que deve repercutir, através da pesquisa, da criatividade e do amor da arte o destino da causa popular? Fausto Pena, poeta em primeiro lugar, jornalista e depois cineasta, é o homem que inicialmente desconhece quem seja Pedro

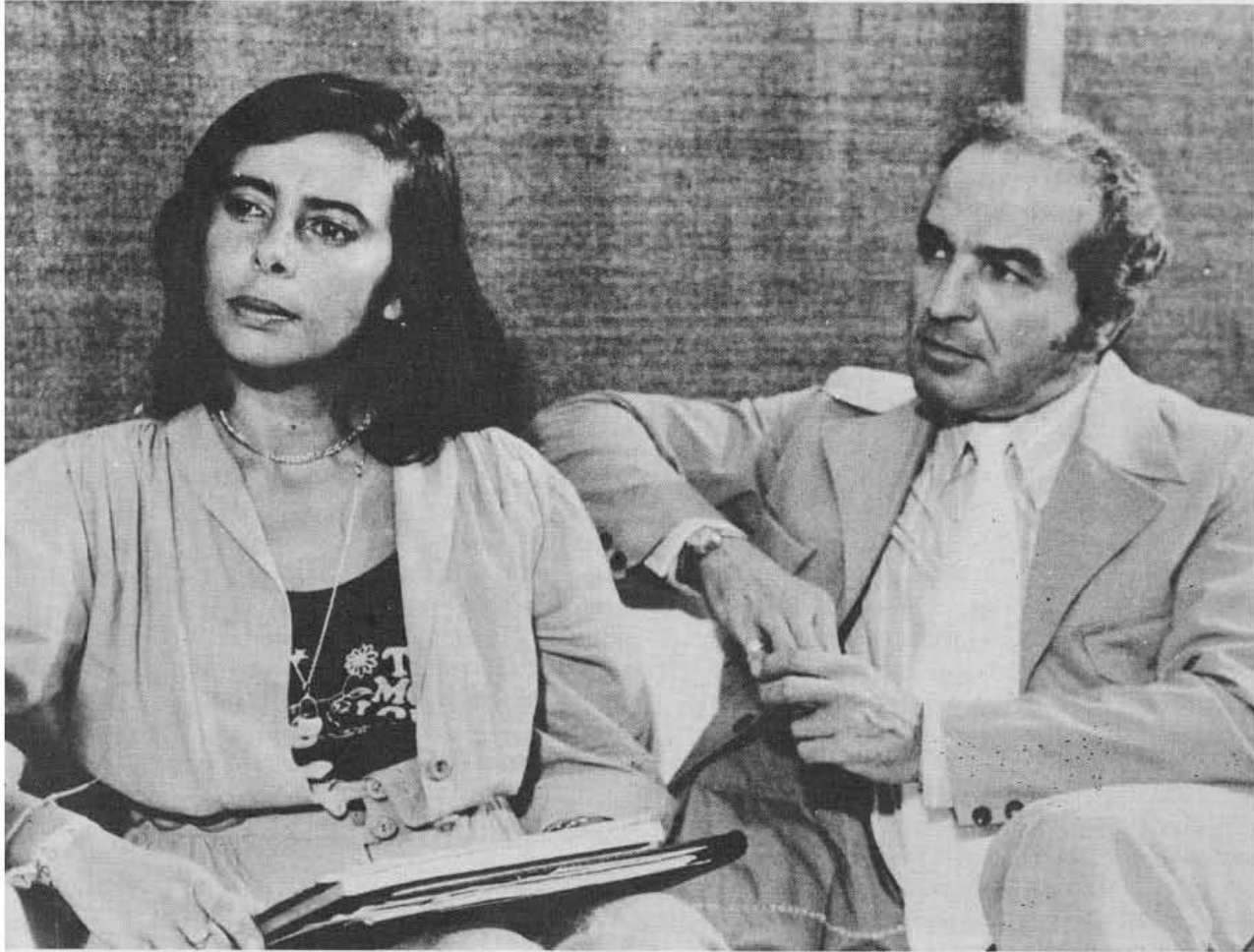
Arcanjo. Chega a ele pelos imperativos de um desempenho jornalístico e, depois, a serviço do *brasilianista* americano, que chegara à Bahia deslumbrado de algo de que entendia tão pouco como o professor Nilo Argolo, antagonista ferrenho de Pedro Arcanjo nos dias em que este provocava o decanato universitário com suas teorias sobre a miscigenação como ideal étnico.

De certa maneira, Fausto Pena chega ao cinema como o próprio livro *Tenda dos milagres*, de Jorge Amado. Pois fazer cinema implica assumir a poesia, ampliar o jornalismo e sintetizar coerentemente o universo popular. É por isto, talvez, que se tem afirmado, com tanta frequência, que o filme *Tenda dos milagres*, de Néelson Pereira dos Santos, é também um filme sobre o cinema, mais localizada, como seria de se supor e desejar, sobre o cinema brasileiro. A obra incorporou o melhor da inventividade de Jorge Amado, num de seus melhores romances, à lúcida temática de um dos cineastas que mais obstinadamente tem pensado e vivido o cinema brasileiro. O resultado foi uma síntese profundamente rica em sugestões populares relacionadas à ficção, à potencialidade existencial, à luta pela afirmação de uma identidade, à ironia frente ao inimigo virtualmente mais poderoso. Ao mesmo tempo que é uma ficção extremamente envolvente, *Tenda dos milagres* é uma reflexão instigante e provocadora. E, mais do que no livro, esta reflexão, através do filme-dentro-do filme, do poeta cineasta Fausto Pena, é uma intromissão questionadora e de uma exuberância caudal, habilmente driblando o excesso e o modernoso em que poderia incidir uma narrativa hostil à acomodada facilidade dos processos mais correntes no cinema e na televisão.

Como espetáculo, *Tenda dos milagres* é um triunfo do cinema brasileiro, o filme mais importante da fase atual deste nosso cinema no encaixo da conquista decisiva do seu mercado. Uma produção notável em sua arquitetura formal, na inteligência da reconstituição, na recriação de um universo onde se desenvolve uma discussão de natureza política e antropológica. (Fernando Ferreira, *O Globo*)

AMOR AO CINEMA E AO POVO

Um filme amplo, rico, aberto. E no entanto, como em certo momento sentença seu personagem principal, muito simples. Sem enfeites supérfluos e sem qualquer vestígio de rebuscamento nas imagens ou em sua linguagem. O 12º longa-metragem



Ancy Rocha e Geraldo Freire.

de Néelson Pereira dos Santos (o primeiro, *Rio 40 Graus*, foi realizado em 1955) aborda e enfrenta a discriminação racial de forma clara, direta e franca.

Distante tanto dos apelos da pornochanchada quanto do formalismo dos filmes bem-feitinhos, *Tenda dos Milagres* é um inequívoco atestado de amor ao cinema e ao povo brasileiro, seus dois grandes personagens, E, ao mesmo tempo, um filme inovador, provocativo, que denuncia, instiga e exige reflexão. Não importa que se esteja ou não de acordo com a livre adaptação do romance lançado em 1969 por Jorge Amado: esse tipo de cumplicidade será irrelevante. Muito mais importante será acompanhar o cineasta Néelson Pereira dos Santos em sua procura de uma forma cinematográfica capaz de simultaneamente comportar suas preocupações como artista criador e identificar-se com os mitos e a linguagem popular. Sem nunca assumir uma atitude de crítica ou de superioridade, sem a

preocupação de fazer julgamentos e impor conclusões.

Na reconstituição da vida do seu herói, um mulato, capoeirista, tocador de violão, grande amante e incansável pesquisador da cultura negra, o filme alterna três épocas diferentes: o início do século, quando Pedro Arcanjo, bedel da Faculdade de Medicina da Bahia, fundada por D. João VI e fonte original do saber científico no Brasil, convive ainda sem grandes conflitos com as teorias racistas da cultura dominante, branca e europeizada, encampadas por seus catedráticos; entre o fim dos anos 30 e primeiros anos 40, quando Arcanjo decide enfrentar as pregações racistas do catedrático Nilo Argolo de Araújo publicando as pesquisas que acumulara e que pulverizam, inclusive individualmente, as aspirações do seu oponente em relação a uma raça pura; e os dias atuais (ou seja, 1975, quando foram feitas as filmagens em Salvador),

com Pedro Arcanjo sendo ironicamente redescoberto a partir de apaixonadas declarações de um sociólogo e antropólogo norte-americano, "um dos cinco gênios do século".

Admirado por estrangeiro tão ilustre, o escorçado bedel que pagara com a cadeia sua ousadia por sacudir incômodas árvores genealógicas é transformado em personagem da moda e consumido segundo as necessidades do sistema. Seu nome e sua importância ficam esvaziados por rótulos como "herói contestador" e pelo mercantilismo de políticos e comerciantes de vários gêneros que comandam a máquina publicitária e administrativa do *establishment*.

Mas existe o verdadeiro Pedro Arcanjo, preservado à margem da cultura oficial na memória e nas ações do povo. O privilégio e a responsabilidade pelo resgate dessa cultura das catacumbas para a luz, Néelson atribui ao cinema. Com inteligência ele inclui no roteiro uma proposta estética pessoal. E o cineasta — na história — que se propõe a descobrir Pedro Arcanjo, como o próprio diretor ao fazer *Tenda dos Milagres* — vai meticulosamente desmontando os engodos, armadilhas e reticências erigidas em torno da verdade pelos preconceitos e conveniências da cultura que detém o poder. Essa investigação sobre as origens da raça brasileira é sempre direta. Câmara colocada ao nível do espectador, a busca acabará revelando seu próprio perfil, o elo que completa a corrente circular formada pelo povo e seus mitos, sintetizada na música-tema, de Gilberto Gil ("O filho perguntou pro pai/onde é que está o meu avô. . . pai perguntou pro avô/onde é que está meu bisavô. . . avô perguntou bisavô/onde é que tá tataravô. . . tataravô, bisavô, avô, pai Xangô, Aganju/viva Egum. . .").

Todos somos personagens de *Tenda dos Milagres*. Ou por razões étnicas e culturais imediatas ou pela leitura dessa pastoral ufanista que apela para sentimentos e aspirações universais — o amor, a fraternidade, a tolerância, a compreensão, despindo expressões como liberdade e democracia racial dos seus assépticos invólucros pomposos e beletristas para inseri-las na prática do cotidiano. E sem recorrer às facilidades da emoção derramada ou do pitoresco, recursos infalíveis quando o interesse é apenas o de arregimentar grandes audiências.

As ambições de Néelson Pereira dos Santos escolheram um caminho muito mais áspero, o que livra seu filme também das prováveis acusações de demagogia. Porque ele recusa o envolvimento proporcionado pelas histórias de injustiças e persegui-

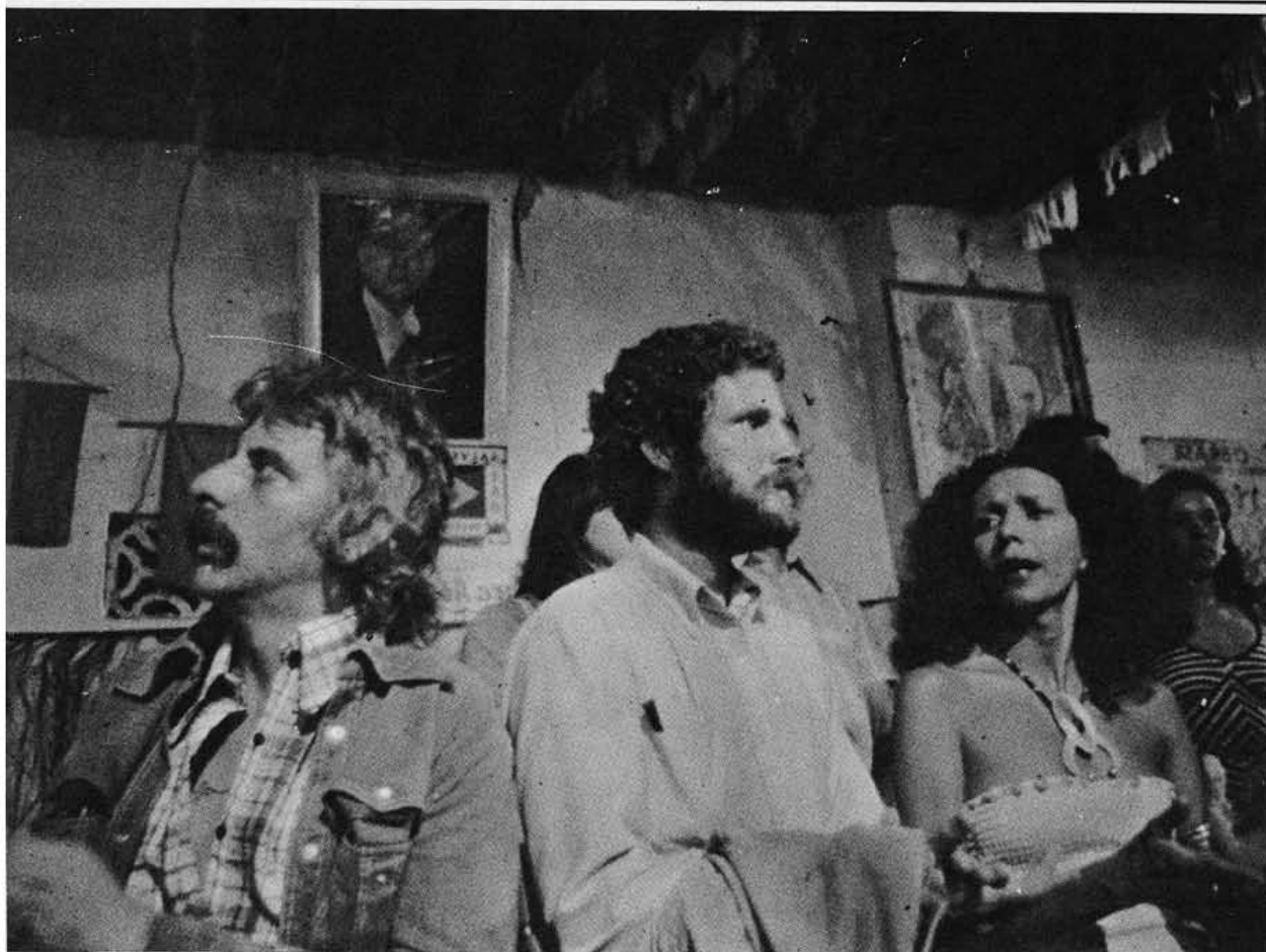
ções passadas, da mesma forma que ignora a insuperável plasticidade das cerimônias de candomblé (embora conte com um ótimo fotógrafo, Hélio Silva), para propor a reflexão. E é através dela que se chega à beleza e à emoção, assim como à profunda e implacável ironia, deste luminoso depoimento sobre a cultura brasileira. (Edmar Pereira, *Jornal da Tarde*).

FILME ENVOLVENTE

Poucos filmes conseguiram tornar tão fascinante a pesquisa e o estudo sobre a cultura brasileira como *Tenda dos Milagres*. As proposições do romance de Jorge Amado, incorporadas e enriquecidas por Néelson Pereira dos Santos, assumem em seu filme uma nova vida e inúmeras outras dimensões paralelas. Apesar de este romance ser um dos momentos de maior reflexão do escritor, o mérito do cineasta foi exatamente ter explicitado, com o seu engenho e arte, a força de um universo riquíssimo pela sua originalidade, conformação e formação.

Tenda dos milagres retrata o processo pelo qual o homem brasileiro modifica, estrutura e transforma a sua sociedade em todos os níveis. É o retrato da pluralidade que informa a nossa cultura, o nosso povo e as contradições que o caminhar pela vida impõem a quem dela participa. A grande sabedoria do personagem Pedro Arcanjo é uma lição de humanidade e inconformismo, de amor e revolta, de liberdade e submissão, de crença, principalmente de crença, a fé que se transforma em obras porque é fruto de profundas convicções. Disso tudo resulta o compromisso com os outros que vivem e têm o direito de continuar a viver.

Na obra de Néelson Pereira dos Santos, *Tenda dos Milagres* é o testemunho da maturidade e da liberdade de criação. É um filme envolvente da primeira à última imagem. Totalmente acabado, senão o mais bem acabado do cinema brasileiro nos últimos anos. É impossível negar-lhe a agilidade narrativa, a ironia com que trata certos temas (o machismo, o coronelismo, o próprio cinema brasileiro e sua política) e personagens (o coronel, o chefe de polícia, a televisão e os publicitários). a observação profunda e arguta do comportamento das pessoas investidas de suas funções sociais. Mas, acima de tudo, a forma com que Néelson captou a energia viva de um povo, sua luta, seus traços culturais e o seu caráter.



Hugo Carvana, Laurence R. Wilson e Sônia Dias.

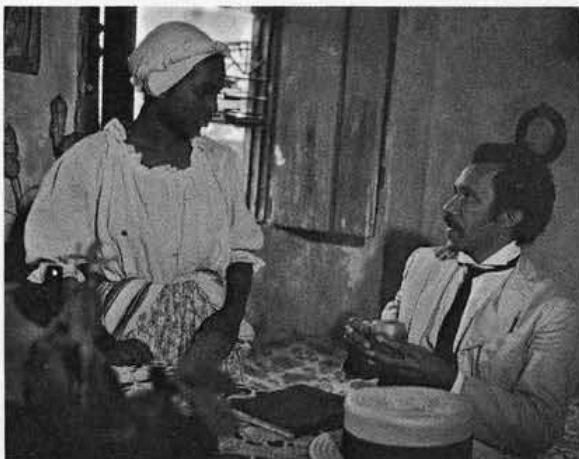
Permanentemente inventivo, *Tenda dos Milagres* não dá ao espectador a chance de se desligar da narrativa. Ele é envolvido por ela quase que inconscientemente, exatamente porque Néelson conseguiu mexer com o inconsciente coletivo — esse sincretismo racial e cultural. Todo brasileiro se sente mais ou menos refletido no filme. Na verdade, trata-se de um filme que responde a muitas inquietações políticas e existenciais do nosso cinema. Além de uma *mise-en-scène* extremamente rica e inventiva, *Tenda dos Milagres* conta com interpretações magníficas (especialmente as de Hugo Carvana, Juarez Paraíso, Jards Macalé, Emmanuel Cavalcanti, Anecy Rocha, Nildo Parente, Jofre Soares e Sonia Dias), excelente fotografia (de Hélio Silva), inspirada trilha sonora (de Jards Macalé) e o belo tema musical (de Gilberto Gil). Tudo isso faz de *Tenda dos Milagres* um dos melhores filmes brasileiros em muitos anos. (Miguel Pereira, *O Globo*).

AMENO E AMARGO

Nas primeiras cenas os retratos em sépia — a cor do passado — marcam o passar do tempo, as épocas. No tempo passado e no presente vive e revive na Bahia o protagonista Pedro Arcanjo em duas edições, mas sempre com as mesmas características.

Mais do que o protagonista ele é o tema do filme, mais do que pessoa real ou de ficção é o Problema. O problema é árduo, acirrado, cru. Deve a cultura mestiça, afro-brasileira, sobreviver ao lado da cultura oficial de importação? Reacionários de colarinho engomado, os “puros brancos” (ou que acreditam sê-lo) esmerando na castiça eloquência baiana, se opõem a um sincretismo e a uma mestiçagem cultural e religiosa, chegam a sugerir a abolição do casamento entre brancos e pretos. Mas nas ruas da cidade a questão explode em demonstrações, não em discussões. Em fatos, não em tertúli-

TENDA DOS MILAGRES



Juarez Paraíso e Janete Ribeiro da Silva.



Juarez Paraíso, Conceição e Dmerval.

as. Continuam os ritos mágicos, os candomblés, as capoeiras, etc. e manifestações pagãs se misturam sem chocar-se com atos de fé na cidade dos mil templos católicos e das mil tendas dos milagres.

Um pai óbvio, caricatural e branco, declara que o mulato Daniel é para ele como um filho mas quando sabe que namora a filha dele e que os dois tencionam casar-se escorraça o jovem que de "querido filho" se torna "aquele descarado oportunista". Dos países onde a gente é incontestavelmente loira e de olhos azuis chega uma mocinha de estilo vitoriano que quer unir-se a Pedro Arcanjo e ter com ele um filho (é uma antropóloga ou uma filantropa?). Alcançada a finalidade, volta a casa feliz e grávida. Os reacionários ateiáms fogo onde encontram vestígios da detestada cultura, os pretos e os mulatos reagem liderados pelo bedel da universidade, Pedro Arcanjo, estudioso, sociólogo. Ele acaba preso mas tem seguidores que não deixam morrer nada que indiretamente ou não se refere àquela cultura. Pedro, o arauto, o combatente, morre. Mas continuam vivos os orixás, os ritos, as

cerimônias de um culto tradicional. Tudo: desde os europeus da procissão até as mais misteriosas crenças.

A cultura, Pedro Arcanjo o sabia, é a expressão viva dos sentimentos de um povo, das suas emoções, dos seus pensamentos, dos gostos e das aspirações — é a tradição, uma *energia* sem a qual uma raça sobrevive apenas. Cultura, no caso, emotiva e rica que é como um livro aberto da história de uma raça.

Mas quem é, de onde vem Pedro Arcanjo? Ele é descoberto para os baianos por um cientista norte-americano que vem à Bahia justamente para pesquisar sobre ele. Os baianos nunca ouviram ninguém citá-lo, alguns se lembram vagamente dele. Fazem-se logo pesquisas e investigações (o americano falou, talvez atabalhoadamente, em "gênio"); procura-se nos arquivos e nas memórias e eis que surge, pula, dança, fala no meio do seu povo o gênio-bedel, redentor da tradição. Torna-se um bem comum, arrisca tornar-se um bem de consumo através da publicidade ou de morrer em áridos estudos. Mas a melhor maneira de fazê-lo reviver é de rodar o filme dele, colocar o gênio com seu avental branco de bedel ao nível do povo. E roda-se o filme.

É a bela película de Néelson Pereira dos Santos, inspirada no livro de Jorge Amado. Como o mestre, ao encarar um tema que podia degenerar em polêmica erudita, em ênfase demagógica e, pior, em sentimentalismo, Néelson escolheu o caminho sereno e pouco comprometedor da ironia e da meia comicidade. Assim, o Problema se torna lição (apenas lição) garbosa e sem pedantismo, a um nível popular. Amado estudou a questão sobretudo nas ruas, nas praças, nas tendas; ouvindo, discutindo, interrogando, criando contatos humanos.

Néelson fez o mesmo, preocupando-se com um filme que fosse ameno e ao mesmo tempo evocação de antigas amarguras, de tristes conflitos, de oposições ridículas. Não pôde conservar aquele senso de amor alegre, de paternal simpatia que caracteriza sempre as relações Amado-Bahia. Mas isto não o prejudica. O que prejudica, levemente, é certa fatura de personagens e de casos e a exploração repetida dos desfiles, das esplendorosas procissões, garantia de sucesso no exterior mas razão de cansaço para o espectador já desafiado por mais de duas horas de espetáculo. (Bruna Becherucci, *Jornal da Tarde*)



Terreiro do Opô Afonjá.

Direção: Néelson Pereira dos Santos. Baseado no romance *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado. **Adaptação e diálogos:** Jorge Amado e Néelson Pereira dos Santos. **Roteiro:** Néelson Pereira dos Santos. **Fotografia:** Hélio Silva. **Trilha sonora:** Jards Macalé. **Música-tema:** Gilberto Gil. **Cenografia:** Tizuca Yamasaki. **Figurino:** Yurika Yamasaki. **Montagem:** Raimundo Higino e Severino Dadá. **Diretor de Produção:** Albertino N. da Fonseca. **Produtor executivo:** Ney Sant'Anna. **Elenco** — Época contemporânea: Hugo Carvana (Fausto Pena), Sônia Dias (Ana Mercedes), Anecy Rocha (Professora Eldelweis), Wilson Jorge Mello (Dr. Zezinho, diretor do jornal), Geraldo Freire (Gastão Simas, diretor da agência de publicidade), Laurence R. Wilson (James D. Livingston), Severino Dadá (Dadá, o montador); Época antiga: Jards Macalé (Pedro Arcanjo jovem), Juarez Paraíso (Pedro Arcanjo), Nildo Parente (Prof. Nilo Argolo), Washington Fernandes (Delegado Pedrito Gordo), Emmanuel Cavalcânti (Chefe de polícia Fernando Góes), Nilda Spencer (Condessa Zabela), Jurema Penna (Tia Eufrásia), Fernanda Amado (Lu), Arildo Deda (Prof. Fontes), Geová de Car-

valho (Major Damião), Álvaro Guimarães (Astério), Jorge Amorim (Tadeu Canhoto), Gildásio Leite (Prof. Fraga Neto), José Passos Neto (Prof. Silva Virajá), Manoel Bonfim (Lúdio Corró), Maria Adélia (D. Emília), Janete Ribeiro da Silva (Rosa de Oxalá e Iaba), Ana Lúcia dos Santos Reis (Dorotéia e Iaba), Liana Maria Graff (Kirsi), Luís da Muriçoca (Pai Procópio), Guido Araújo (Prof. Calazans); Participações especiais: Jofre Soares (Coronel Gomes), Menininha do Gantois e seu Terreiro, Mãe Ruinhó de Bogum, Mirinha do Portão e seu Terreiro, Terreiro do Opô Afonjá, Mestre Pastinha, Caribé, Prof. Cid Teixeira, Jenner Augusto, Calazans Neto, Mirabeau Sampaio. **Produção:** Regina Filmes. **Distribuição:** Embrafilme. Brasil, 1977.

PRÊMIOS:

X Festival de Brasília (1977): Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Trilha Sonora (Jards Macalé), Melhor Atriz Coadjuvante (Sônia Dias). Air France 1977: Melhor Filme